



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: G1

Data: 19/06/2015

Caderno/Link: <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/06/oab-ve-difamacao-e-homofobia-em-ranking-sexual-com-apelidos-na-usp.html>

Assunto: OAB vê difamação e homofobia em ranking sexual com apelidos na USP

OAB vê difamação e homofobia em ranking sexual com apelidos na USP

A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em Piracicaba (SP) avalia que os responsáveis pelo cartaz que listou intimidades sexuais das alunas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), campus da USP na cidade, em uma espécie de 'ranking', incorreram em três crimes: homofobia, difamação e calúnia.

A Esalq disse que abriu sindicância para apurar o caso. O episódio já entrou na esfera criminal e também será investigado pela Polícia Civil, conforme anunciou o delegado seccional José Daher, na noite desta quinta-feira (18). Para o presidente da OAB, Fabio Ferreira de Moura, as vítimas devem auxiliar nas investigações procurando uma delegacia para registrar um boletim de ocorrência.

Presidente da OAB Piracicaba criticou a condutada Esalq

"O que aconteceu não foi trote ou qualquer outro tipo de brincadeira. Foram crimes que expõem pessoas e causam um grande abalo psicológico. Se a vítima não tiver um apoio familiar, pode inclusive abandonar o curso. Isso infelizmente já aconteceu em alguns outros casos e veio à tona, por exemplo, na CPI dos Trotes", disse Moura.

saiba mais

- Polícia vai abrir inquérito para apurar 'ranking' da intimidade sexual na USP
- 'Ranking' expõe intimidade sexual de alunas da USP e causa revolta
- Torturas em trotes da Esalq/USP têm agressão, fratura e comida estragada

CPI dos Trotes

Em janeiro, alunos da Esalq prestaram depoimento na Assembleia Legislativa de São Paulo a respeito do ritual de entrada na universidade.

Houve relatos de agressões que resultaram em fraturas e a obrigatoriedade de comer alimentos estragados misturados a vômito.

"A recorrência significa que é uma coisa sistemática. Tem um grupo dentro da universidade que defende os valores propostos nesse cartaz. Após a CPI houve sindicâncias, mas que ainda não geraram sentenças. A universidade precisa educar e enfrentar seriamente essa questão", disse o professor Antonio Ribeiro de Almeida Junior, da Esalq, que pesquisa abusos nas universidades há 14 anos e chegou a relatar casos de violência à CPI dos Trotes.

Ele disse ainda que o ranking comprova a existência de uma cultura da discriminação no campus. "O cartaz tem caráter de assédio e conteúdo difamatório intencional. É uma afronta", ressaltou.

Cartaz expõe intimidade sexual das alunas da USP Piracicaba (Foto: Élice Botelho/Acervo pessoal)

Críticas

O cartaz que gerou revolta foi em um grupo de estudantes da instituição foi colocado no Centro de

Vivência, o pátio onde os universitários se reúnem. No entanto, foi retirado depois de causar polêmica e manifestações contrárias que ainda se espalham pelos muros da unidade.

Considerado preconceituoso e ofensivo por alunos e professores, o material era dividido em colunas que atribuíam, com palavra de baixo calão e termos como "teta preta", as supostas características das estudantes listadas pelos apelidos com que foram batizadas no campus, além do número de pessoas que teria mantido relações. Os "codinomes" são uma tradição na Esalq e muitos universitários os carregam após o curso.

Para o presidente da OAB, a posição da Esalq no caso deixa muito a desejar. "A escola não fez a 'vigília' necessária e precisa se posicionar mais. Isso acontece lá dentro, que é um espaço público. É preciso criar mecanismos de prevenção e repreensão mais eficientes", destacou.

"Os alunos devem ainda pressionar a abertura de uma sindicância. Ela pode servir de base para indenizações por dano moral. Que fez tudo isso deve parar para pensar que o próprio diploma, lá na frente, pode ser prejudicado. A Esalq, que hoje é vista como referência na área, pode ficar taxada por tanto episódios de confusão entre os alunos", finalizou Moura.

Cartaz feito em repúdio a ação discriminatória na Esalq Piracicaba (Foto: Claudia Assencio/G1)

Esalq

A assessoria de imprensa da Esalq informou que uma sindicância já foi aberta no último dia 12 para apurar o caso. O prazo de conclusão do trabalho é de 60 dias. O G1 questionou a universidade a respeito das afirmações da OAB, mas não obteve retorno.

Revolta

A aluna da Esalq e integrante do Diretório Central dos Estudantes, Élice Natalia Botelho, de 22 anos, ficou revoltada com o conteúdo do cartaz e se posicionou sobre o abuso em uma rede social na internet.

Em trecho de texto de repúdio, ela afirma: "Percebi que os níveis de machismo, lgbtfobia e racismo da Esalq não param de piorar. (...) Pensei que a CPI de Violação de Direitos Humanos das Universidades Estaduais Paulistas tivesse alertado as pessoas, mas a prova [cartaz com o ranking] mostra que, na verdade, tem gente que está no caminho oposto".

A jovem contou que algumas meninas se juntaram e fizeram cartazes de repúdio ao material exposto no final de maio com os termos preconceituosos, mas os primeiros protestos também foram retirados do Centro de Vivência. "Foram arrancados por alguém que se incomodou e, após isso ter ocorrido, elas voltaram a fazer mais cartazes", afirmou.

'Lógica de poder'

O episódio, para o professor Almeida, é uma evidência de que há grupos que sustentam uma cultura opressora no campus. "Eles têm o objetivo de discriminar e atuam com uma lógica de poder", afirmou Almeida. O professor disse que mesmo após as investigações, casos como esse ainda são comuns.